



Resenha de *Fundamentação Existencial da Pedagogia*

Luís Washington Vita (1955)

DELFIN SANTOS, *Fundamentação Existencial da Pedagogia*, Limeira, Letras da Província, 1951 - 115; *Revista Brasileira de Filosofia* 5-4, out./dez. 1955, 684-689.

O fato educativo, como tudo o que integra a realidade, é suscetível de uma indagação teórico-filosófica, além da científico-positiva propiciada pela Psicologia Pedagógica e pela Sociologia Pedagógica. Desta forma, a redução da Pedagogia, (entendida, genericamente, como saber a propósito da educação) a uma pura ciência positiva ou experimental peca pela unilateralidade. Fenômeno complexo, o fato educativo só se define, na sua totalidade, depois de definido nos seus diversos aspectos. No âmbito do saber filosófico em geral, o fato educativo é determinado por uma abordagem que estabelece sua natureza profunda, sua essência, sua relação educativa como tal e as condições metafísicas da sua realizabilidade.

De resto, é indiscutível que as tendências filosóficas sempre desempenharam um papel importante no desenvolvimento da Pedagogia. Os conceitos fundamentais das teorias pedagógicas, tanto antigas como modernas, têm suas raízes nas correntes filosóficas, chegando R. Hönlswald a afirmar, virtualmente, a identidade entre a Filosofia e os problemas pedagógicos (tanto sistemáticos como históricos), pois considera como essencialmente filosófico o processo em que o pedagogo «se dá conta», em forma científica, de uma conduta e de um pensamento pedagógicos. A influência das investigações da Filosofia sobre a Pedagogia é tão grande que o neokantismo teórico de Windelband-Ricler e J. Kerschensteiner está sob a influência desta ideia e considera que o centro de gravidade de sua teoria educativa radica na compreensão do conceito valorativo. J. Cohn, igualmente, fundamenta toda a estrutura da Pedagogia, isto é, a ciência e seus métodos adequados, sobre a Filosofia. De acordo com este último pensador, tudo o que não é filosófico nesta estrutura deve ser considerado como complementar. B. Bauch vê a mesma relação entre a Filosofia e a Pedagogia; seguem-no nesta tendência E. Spranger e T. Litt que introduziram este conceito na chamada Escola da Alemanha Meridional, para a orientação científico-espiritual da Pedagogia moderna separando-a do monismo metódico das ciências naturais. Com isto, Filosofia e Pedagogia se identificam, sendo imprescindível a toda indagação



www.delfimsantos.org

pedagógica a *forma mentis* filosófica, porquanto, como ciência especulativa do fato educativo, busca a Filosofia Pedagógica a razão do problema e princípios do pensamento e da conduta. Isto é, a Pedagogia Filosófica se propõe dar princípios para a ação e teorias para os problemas resolvidos *para outros* e *por meio de outros*.

A Filosofia Pedagógica, portanto, não se reduz a mera arte, mas procura descrever, fundamentar e sistematizar, conforme às razões últimas, o processo do fato educativo, que se encontra nos povos de todos os tempos. O objeto pedagógico é o educando, ou seja, o homem incompleto em cuja essência finita estribam a capacidade, necessidade e anelo de complementação. Esta necessidade de educação abarca toda a amplitude do ser humano, consistindo a tarefa pedagógica em que homens já formados prestem o auxílio correspondente a essa necessidade. Seu objetivo, pois, é estimular, tanto em seu desenvolvimento quanto em sua inserção ontologicamente ordenada dentro do homem total, e fomentar, seja com a intervenção direta, seja pela estruturação do ambiente, as disposições possuídas pelo educando e tendentes à perfeição de tal modo que este se faça capaz de cumprir autonomamente, sem ajuda alheia, sua missão na vida como pessoa e ente social. Por outro lado, esta independização se realiza proporcionando bens essenciais da cultura, conduzindo ao domínio autônomo dos mesmos e ao anelo de configurar estes bens desenvolvendo-os segundo a medida das possibilidades individuais.

Desta forma, toda heteroeducação é uma ajuda para a autoformação do educando. Nesse sentido, informa Gentile que a história das doutrinas pedagógicas começa por distinguir duas formas fundamentais: a *autodidática* e a *heterodidática*; ou, como de outro modo se denominam, a educação *negativa* e a *positiva*, o método *passivo* e o método *ativo*. Autodidática é a educação na qual em não existir, como tal, mestre, ou, usando a frase de Rousseau que afirma que a mais importante regra da educação se transforma na seguinte: não ganhar tempo, mas perdê-lo. Autodidática era o ensino como o entendia Sócrates, que concebia a própria profissão de mestre como uma espécie de maiêutica espiritual, ou arte de ajudar ao aluno, liberto dos impedimentos extrínsecos e acidentais, a descobrir por si só a verdade, essa verdade que – acrescentaria Platão – o aluno tem em si mesmo.

Entendida a Pedagogia nesta acepção filosófica, isto é, como processo educativo, ou melhor, como a apropriação, pelo educando, dos produtos culturais criados pelo espírito objetivo, é óbvio que o fato educativo se nos oferece como um fenômeno da vida humana que diz respeito a todos os indivíduos enquanto são alguma coisa mais que seres naturais. Com isto, o fundamento filosófico da Pedagogia deve ser procurado numa teoria da vida e num estudo da relação entre esta vida e o espírito objetivo ou circunstancialidade cultural. Desta forma, as bases filosóficas da Pedagogia não consistirão, como por vezes é admitido, em derivar de *uma* Filosofia qualquer *uma*



www.delfimsantos.org

Pedagogia, mas, em esclarecer filosoficamente o sentido e o conteúdo do fato educativo.

Isto implica, em primeiro lugar, um estudo da relação em que o fato educativo, como tal fato, se acha dentro de cada uma das mundividências e, portanto, dentro de cada uma das concepções do homem. Em segundo lugar, comporta o exame da função da educação na vida humana. Em terceiro lugar, finalmente, exige uma dilucidação das relações efetivas ou possíveis entre a vida humana e a cultura. Como forma do espírito objetivo, a educação depende, em parte considerável, da estrutura deste espírito em cada um dos momentos da história; tal dependência, porém, não elimina, antes implica sempre, a atividade espontânea e originária da vida. Consequentemente, o fundamento filosófico da Pedagogia poderia consistir, por um lado, no estudo da apropriação *espontânea* pela vida dos produtos culturais, e, por outro lado, no estudo da apropriação *dirigida*. O primeiro seria a Autodidática; o segundo, a Heterodidática.

Nesse sentido se propõe Delfim Santos em nos oferecer os fundamentos existenciais da Pedagogia. Para ele o homem é um ser vivo, concreto, individual. A sua compreensão não pode ser conseguida pela aplicação de princípios gerais, que nele não encontram generalidade. Não foi por acaso, certamente, que Sócrates passou a vida, em Atenas, aproximando-se com emoção religiosa de cada homem na esperança de, através deles, atingir verdades de cunho e dimensões realmente humanas. E não foi por acaso, também, que chegou à conclusão de que o que mais importa é cada um conhecer-se a si próprio. Se este "si-próprio" de cada um de nós fosse idêntico ao "si-próprio" de cada um dos outros, a fórmula socrática careceria de sentido. A formulação de leis gerais sobre o humano, enquanto vivo, implica desrespeito do que nele é concreto e individual e, a partir disto, formular uma Pedagogia geral é igualmente desconhecer e desrespeitar o que na sua individualidade é intransferível. Não há pois uma Pedagogia *more geometrico* nem *sub specie aeternitatis*.

É nesse sentido que Delfim Santos caracteriza a Pedagogia como processo existencial e não como processo lógico independente do tempo. A fundamentação existencial da Pedagogia radica, pois, na compreensão temporal da existência humana. O homem não aprende apenas para viver, mas para existir, e existir não é apenas viver. A noção de existência é o ponto de partida da Pedagogia, como também, na atualidade, se tornou o ponto de partida da Filosofia. Existir é estar-no-mundo. É este o fato primário, original e estrutural da existência. Esta situação fundamental, em que tudo radica, implica três diferentes momentos. Estar-no-mundo é estar em contato com o mundo inorgânico, com os outros seres vivos, e também consigo mesmo. O sentido existencial da relação com estes três diversos e interdependentes constituintes do mundo é radicalmente diferente. O homem ocupa-se com as coisas, preocupa-se com os outros e preocupa-se consigo mesmo. Desta ocupação e preocupação resultam situações diferenciadoras para o ato do aprendizado. As coisas mostram em que



www.delfimsantos.org

consistem, os outros como subsistem, e ele próprio como existe. A Pedagogia tem, pois, três modos irreduzíveis, quer no seu significado, quer no seu sentido. É em função do diálogo com as coisas e com os outros, amiúde interrompido pelo monólogo do estar consigo, que o homem compreende o "para" que está no mundo e desenvolve vocacionalmente as suas aptidões. Realmente, o fundo sentido do ato pedagógico pode caracterizar-se desta maneira: clarificação progressiva do trânsito do estar-no-mundo, como situação original, para o estar-no-mundo-para-alguma-coisa. É neste trânsito que se revela a capacidade de compreensão, e aprendizado é o ato primário consequente do estar-no-mundo. Isto é, o homem tem como interesse primordial no seu estar-no-mundo não o conhecimento analítico do que as coisas são, mas o saber para que são as coisas. É a partir daqui que o fato educativo se insere existencialmente na formulação de símbolos como agentes de comunicação, que orientam a experiência humana em todas as suas modalidades radicadas na compreensão do para que se está no mundo. E esta compreensão conforma o comportamento do ser existente.

Como afirma Dilthey, por outro lado, é da vida que a Pedagogia tem que ser derivada, e não de qualquer sistema de moral, pois, para esse filósofo, educação é uma atividade tendente à formação da vida anímica do educando. Ora o fato educativo é fundamentalmente humano e goza, portanto, da complexidade, da instabilidade e da indefinibilidade que caracterizam o humano. Partir de outro ponto de vista equivaleria a alterar irremediavelmente a perspectiva que supomos mais própria para tentar a compreensão do fenômeno pedagógico. Tarefa difícil, não só pela dificuldade imanente ao próprio problema, mas também pela sua radical deturpação ao longo secular da história. Pelo fato do problema educativo ser o mais imediato de todos os problemas que surgem ao homem, por isso e ainda pela sua iminente proximidade e constância, é difícil poder senti-lo e reconhecê-lo. Mas de qualquer forma, e sempre, a vida é aprendizado, isto é, só se vive enquanto se aprende.

Se o mais alto fim da educação consiste em estruturar os fundamentos da futura personalidade, pode dizer-se que aprendizado é cultura no sentido do desenvolvimento das capacidades germinais de cada um. Aprendizado e cultura, aliás, são apenas dois aspectos do mesmo ato pedagógico. Aquele que aprende cultiva-se, aquele que se cultiva fá-lo em função de seu aprendizado. Mas o saber é meio e não fim, sendo a cultura o resultado do aprendizado no sentido lato do termo, e o móbil que a provoca é a capacidade de interrogação que anima o homem. Por outro lado, o sujeito da educação é o *homem transiente*, o homem que se busca e se nos mostra no que é ainda inseguro e indefinido, tendendo para um nível de afirmação que se chama *personalidade*. Com isto, o educando surge ao pedagogo como um "dado", que ele deve esforçar-se por compreender na sua estrutura caracterológica. É a partir desta compreensão que o pedagogo pode propiciar o desenvolvimento do educando.



www.delfimsantos.org

Contudo, a Pedagogia só é útil ao homem quando tem interesses mais elevados do que a simples transmissão de saber. O homem como "dado", na situação transiente em que o pedagogo o encontra, está no mundo para ser o melhor possível que pode ser. É esta visão prospectiva do "poder-ser" que eminentemente deve interessar. As capacidades do educando são dirigidas e as suas possibilidades de afirmação requerem auxílio. É por isso que a escola existe e os pedagogos a servem.

É na vida, portanto, e pela vida, que o ser humano se revela. É para a vida, pois, que a escola existe. A Pedagogia Existencial não pretende destruir o homem, desagregando-o em conceitos que não pertencem ao nível da sua estrutura. O seu radical ponto de partida inicia-se, não com noções vagas de duvidosa generalidade, sempre fictícias, mas com um momento fáctico de que tudo depende: o estar-no-mundo. A partir desta situação limite, o homem opera o desvendamento das coisas, dos outros e de si mesmo. Mas as coisas, os outros e ele próprio não são nunca elementos do mundo, mas constituintes intrínsecos do seu mundo. Com o estar-no-mundo surge implicitamente no homem uma perspectiva angular de compreensão, mais ou menos aberta e condicionada pelos seus próprios dons, que o situa relativamente aos outros em nível mais ou menos profundo. O horizonte da sua atividade ou experiência é a temporalidade. Educar não é propiciar a fuga do tempo, mas orientar o homem nas situações concretas da sua existência. São os obstáculos que o tornam consciente dos valores. Como diz Sartre, *«não é em recolhimento que nós nos descobrimos: é pelos caminhos, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homens entre os homens»*.

Observa Delfim Santos que o educando é um ser vivo em plena transitividade para alguma coisa que pode valer como aspiração, mas que, como tal, é imprevisível e, ainda que vivendo, convive, e convivendo aprende, e aprendendo encontra-se e perde-se, enriquece-se e empobrece-se, realiza-se parcialmente e diminui-se na integralidade da pessoa, e o problema atinge um acume dramático que, por si só, justifica sem excesso o pessimismo daqueles que por vocação confiada e generosa dedicação se sentiram chamados ao difícil papel de educadores.

Em suma, o educando é o homem em trânsito e é a sua transitividade o tema fundamental da Filosofia Pedagógica. Educar é favorecer a mutação do homem a partir do seu estado incipiente de compreensão até a máxima possibilidade de que for capaz. Não se trata, em educação, de predominantemente adaptar o homem a qualquer coisa que lhe seja exterior mas de o levar, a partir da sua posição radical — o estar-no-mundo — à compreensão de valores que melhor lhe sirvam para orientação nas diferentes situações em que vier a encontrar-se. As fases diferentes que atravessa na sua transitividade da infância ao adulto não podem rigorosamente delimitar-se. Viver é ser transiente, é deixar de ser a cada momento o que plenamente ainda não se é, mas que é necessário abandonar para ser o que talvez também nunca



será. É, pois, em função da existência que a educação tem sentido, conclui Delfim Santos.

L. W. V.

www.delfimsantos.org